

ESTADO, COMUNICAÇÃO E ERA TECNOLÓGICA: a recepção popular da proposta de inclusão digital do Projeto Informar do governo de Pernambuco.

Maria Salett Tauk Santos*
José Carlos de Mélo e Silva**
Patrícia Munik de Albuquerque Fragoso***

O presente artigo relata parte dos resultados de um estudo de multi-casos de recepção das propostas de inclusão digital em contextos populares. O objetivo é analisar as apropriações que os jovens de uma comunidade do Recife fazem da proposta de inclusão digital do projeto Informar, voltado para inclusão social, considerando que a comunicação entre o Programa e a população se estabelece num cenário intercultural. Tal cenário está sujeito às mediações (BARBERO, 2000) da cultura dos jovens, enquanto cultura popular (CANCLINI, 1981) e à situação de contingência material (TAUK SANTOS, 2005) em que vivem.

Palavras-chave: Culturas populares, inclusão digital e estudo de recepção.

Este texto trata de um estudo de recepção das propostas do Projeto Informar, do Porto Digital, pelos moradores da comunidade do Pilar em Recife. O que se pretendeu especificamente foi analisar os usos sociais e as apropriações que essa população faz da proposta governamental de inclusão digital do Informar, considerando as características da população enquanto uma cultura popular.

Entre os desequilíbrios sociais contemporâneos está a exclusão digital, que resulta da nova revolução tecnológica, a era da informação onde o capital-dinheiro é substituído pelo capital-informação gerando uma economia digital que, segundo Silveira (2003, p.9) é a responsável pelo desemprego tecnológico.

Esta revolução informacional ganhou impulso na década de 90 com a disseminação das redes de comunicação via computador, conhecida como Internet, o que alterou significativamente a relação das pessoas com o tempo e com o espaço, como defende Silveira (2002, p. 15).

Silveira (2002, p. 15-16) defende que a revolução da informação se baseia nas tecnologias da inteligência, amplifica a mente, aumenta exponencialmente as diferenças na capacidade de tratar informações e transformá-las em conhecimento. Esta situação

* Doutora em Comunicação. Coordenadora do Mestrado de Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

** Mestrando em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco e professor do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Pernambucana.

*** Mestranda em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco e professora dos cursos de Publicidade e Jornalismo da Universidade.

pode ainda ampliar as desigualdades entre os que usufruem da informação e os que não têm acesso a ela:

Por isso essa revolução não apenas pode consolidar desigualdades sociais como também elevá-las, pois aprofunda o distanciamento cognitivo entre aqueles que já convivem com ela e os que dela estão apartados. (SILVEIRA, p. 16).

É neste contexto que surgem os novos excluídos, desconectados do mundo da Internet, desconhecem a gama informacional existente nas redes, assim como se tornam impossibilitadas de acessar informações básicas, conseguir um emprego, enfim ficam desmunidos de um sistema de comunicação.

O analfabetismo digital, a pobreza e a lentidão comunicativa, o isolamento e o impedimento do exercício da inteligência coletiva são resultados da exclusão digital que dificulta a inclusão social uma vez que, como lembra Silveira (2003, p. 18) “as principais atividades econômicas, governamentais e boa parte da produção cultural da sociedade vão migrando para a rede, sendo praticadas e divulgadas por meio da comunicação informacional.”

Silveira (2003, p. 18) defende que a maciça inclusão das pessoas na sociedade da informação promova um aumento das possibilidades da cidadania, visto que quanto mais cidadãs forem as pessoas mais conscientes serão em relação à reinvenção da dinâmica social excludente e desigual. Afirma ainda que a pobreza pode ser reduzida:

“com a construção de coletivos sociais inteligentes, capazes de qualificar as pessoas para uma nova economia e para as novas formas de sociabilidade, permitindo que utilizem as ferramentas de compartilhamento de conhecimento para exigir direitos, alargar a cidadania e melhorar as condições de vida.” (SILVEIRA, p. 21).

Os coletivos sociais inteligentes são uma proposta para promover a inclusão digital. Um bom exemplo são os *telecentros* que dispõem de computadores com acesso à Internet para uso comunitário. Alguns projetos também têm sido desenvolvidos visando o mesmo objetivo: fornecer condições a pessoas de culturas populares a ter acesso a informações via rede e capacitação profissional.

Nesse contexto de mundo globalizado, os recentes processos globais da economia implicam novas formas de trabalho que exigem mais tecnologia e menos mão de obra; a qualificação torna-se imprescindível e um tanto acelerada, novas tecnologias são aprimoradas e atualizadas. A informática passa a ser o ponto básico de inclusão no mercado de trabalho juntamente com a internet que conecta indivíduos em tempo real com qualquer parte do mundo além de realizar serviços e promover trocas.

A internet, para Cabral (2004), pode ser uma possibilidade ativa de participação, a partir de características tão catalisadoras de articulações como a efetiva interatividade de públicos e de suportes: áudio, imagem, texto e animação, além da convergência de sinais de radiodifusão e de telefonia. Ao compartilhar um mesmo suporte para receber e produzir informação, a massa se torna potencialmente produtiva, passando a interagir e se reconfigurar como rede.

Umberto Eco (apud CABRAL, 2004, p. 272) afirma que a Internet promove uma nova tensão entre quem possui ou não acesso a Internet. “Enquanto os primeiros seriam uma espécie de reféns do avanço tecnológico, aqueles desfrutariam dos privilégios que a tecnologia pode oferecer, na medida da aquisição e da utilização de cada um”. Em outras palavras, uma exclusão para aqueles que não possuem todo aparato tecnológico para o acesso à informação via on-line. Na visão de Cabral (2004, p. 274), pode-se dizer que “a manutenção do controle social está diretamente relacionada com a grandiloquência da presença empresarial na Internet, associada também a inexistência de empreendimentos sociais de grande mobilização”.

As novas tecnologias, com destaque para a informática, viram peças hegemônicas para empregabilidade. Esta relação entre trabalho e tecnologia é abordada por Paulino (2001) que afirma ser a introdução das novas tecnologias e o desenvolvimento econômico na atual fase do capitalismo, os transformadores das mudanças no mundo do trabalho. São os avanços tecnológicos, impostos pelas culturas hegemônicas, responsáveis pelas mudanças no perfil do trabalho que, conseqüentemente, promovem o desemprego em massa.

Ainda na perspectiva de Paulino (2001), as tecnologias não se desenvolvem autonomamente, elas são introduzidas no mercado de forma orientada no sentido, pelo menos inicialmente, de atender a objetivos que visam à manutenção do *status quo*. Ao gerar novas formas de trabalho, as tecnologias dispõem de maior ou menor número de força de trabalho para operá-las, colocando em marcha um conjunto de atores sociais que também levam às formas diferenciadas de organização do trabalho e da produção.

Para enfrentar esta situação de exclusão digital, na perspectiva de construir a inclusão social, várias organizações governamentais e não governamentais desenvolvem programas com jovens de contextos populares na tentativa de, a partir da inclusão digital, construir a inclusão social. É o caso do Projeto Informar, que é uma ONG ligada

ao Porto Digital⁹, um programa do Governo Estadual de Pernambuco que desenvolve um trabalho procurando capacitar e profissionalizar jovens entre 14 e 24 anos, nas áreas de informática, fotografia e vídeo da comunidade do Pilar¹⁰, no centro do Recife.

A PESQUISA

Diante da falta de um estudo suficiente, que demonstre se esse esforço está sendo capaz de transformar a inclusão digital em inclusão social, buscamos realizar esta pesquisa. Esse estudo, que faz parte de uma pesquisa mais ampla, visou observar a recepção pelos jovens de culturas populares dos projetos de inclusão digital, por meio da informática, cujo tema central é o seguinte questionamento: “Inclusão digital, inclusão social?”.

A pesquisa partiu de uma inquietação que teve um caráter exploratório e ao mesmo tempo analítico, a respeito de saber como os jovens faziam usos das propostas do projeto Informar. Para isso elaborado um roteiro de entrevista semi-estruturada, em quatro blocos: no primeiro, buscou-se informações pessoais a respeito da escolaridade e nível de profissionalização dos entrevistados, informações sobre como chegou e o que os levou a participar do projeto; o segundo bloco coube à coleta de informações a respeito dos conhecimentos sobre informática em *off-line*, ou seja, programas e *softwares* de edição de texto, planilha eletrônica, computação gráfica banco de dados e outros; no terceiro, as informações coletadas voltaram-se para o âmbito *on-line* sobre internet, e-mail, grupos de discussão, bate-papo, sites e redes, *intranet* e *extranet*. Por fim, o quarto bloco buscou informações a respeito dos usos sociais das informações adquiridas durante os treinamentos do projeto, suas motivações e perspectivas, as principais mudanças em relação ao mercado de trabalho e o que entendiam por inclusão digital e exclusão social.

Os critérios para a escolha da amostragem foram probabilísticos, selecionamos para uma amostra, 10% da população, ou seja, num total de 78 alunos, entrevistamos oito deles, sendo quatro rapazes e quatro moças. Intencionalmente levamos em conta o tempo em que os jovens participaram do projeto, no mínimo dois anos, que foram

⁹ O Porto Digital é uma Organização Social e tem contrato de gestão com a Secretaria Estadual de Tecnologia e Meio Ambiente – SECTMA.

¹⁰ O projeto abrange também outra comunidade que é a de Peixinhos, também localizada no Recife, Pernambuco, porém os jovens participantes do projeto desta comunidade ainda estavam realizando a capacitação no período da realização desta pesquisa.

egressos ou prestes a concluir o curso. Optamos também pelos alunos do Projeto que envolve a comunidade do Pilar por estarem concluindo os cursos.

AS MEDIAÇÕES DA CULTURA POPULAR

Nesse estudo o sentido de cultura popular foge de qualquer conotação essencialista, como postula Ronsini (2004, p. 49). Aqui o popular não tem o caráter íntegro, genuíno, puro ou sinônimo de vulgarização e degradação. O popular deve ser compreendido de forma relacional ao hegemônico. Canclini ampliou o conceito de cultura popular para abarcar todas as situações de subordinação e define:

As culturas populares (termo que achamos mais adequado do que cultura popular) se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das contradições gerais e específicas do trabalho e da vida (CANCLINI, 1981).

Estas culturas devem ser consideradas nas suas expressões profissionais, familiares e comunicacionais, através das “práticas e formas de pensamento que os setores populares criam para si próprios, mediante as quais concebem e expressam a sua realidade, o seu lugar subordinado na produção, na circulação e no consumo.” (CANCLINI, 1981, p. 43).

Nessa abordagem de culturas populares, onde se articulam as relações de oposição e cumplicidade, resistência e submissão entre o popular e o hegemônico, ocorrem as mediações culturais. Nesse sentido, entendemos que as mediações podem ser compreendidas como um conjunto de fatores que organizam e reorganizam a percepção e a apropriação da realidade social, por parte do receptor. Para Martín Barbero (apud SANTOS, 2000, p. 5), as mediações se apresentam em práticas concretas.

Para entender a comunicação e a cultura, Barbero considera três práticas importantes: a sociabilidade, a ritualidade e a tecnicidade.

A sociabilidade diz respeito as práticas cotidianas de todos os sujeitos sociais na negociação do espaço uns com os outros; a ritualidade está relacionada às rotinas, que determinam de certa maneira a produção de sentido e a produção cultural que se dá através delas; a tecnicidade tem a ver com as tecnologias da informação, com os meios de comunicação. (MARTÍN BARBERO apud SANTOS, 2000, p. 5)

Lopes (1993, p. 85) referindo-se aos processos de recepção na América Latina, afirma que estes devem ser vistos como “parte integrante de práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto micros (ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macros (estrutura social que escape a esse controle).” Ou seja, devemos levar em consideração que a recepção é um sistema complexo, contraditório e multicultural no qual as pessoas vivem o seu cotidiano. Nessas complexas relações entre comunicação e cultura ocorridas numa marcante realidade social e política local, a teorização latino-americana tem por epicentro a relação de subordinação presente nas culturas populares e subcontinentais em que articulam relações de resistência e submissão, de oposição e cumplicidade (LOPES, 1993, p 85).

É o caso da pesquisa em questão, cujo ponto de partida é compreender a recepção, no sentido dos usos e apropriações, que os jovens da comunidade do Pilar, no centro do Recife, considerada de contexto popular fazem da proposta do Projeto Informar como meio e mensagem para inclusão digital.

INFORMAR: A PROPOSTA GOVERNAMENTAL

A proposta do Informar é de preparar “jovens em situação de vulnerabilidade, investindo no estabelecimento de uma cultura de tecnologia e informação a favor da inserção social.” (INFORMAR, 2005). É uma capacitação voltada às Tecnologias da Informação, principalmente, a informática, a fotografia e ao vídeo digital.

Os 78 alunos, com idade entre 14 e 24 anos, passaram por três fases denominadas de habilidades, a primeira foi a básica onde receberam a sensibilização fará a formação e as linguagens básicas (português e matemática). A segunda habilitação foi a específica, que proporcionou aos participantes os primeiros contatos como a informática básica (windows, word, excel), web design (criação de home pages), manutenção de hardware, redes de computadores, introdução à comunicação, vídeo (direção, produção, roteiro, áudio, luz e imagem, edição e produção) e fotografia. Na última habilidade foi passado para eles noções de pesquisa social e de empreendedorismo.

A agência, que não tem a figura jurídica definida (cooperativa, associação...), visa a sustentabilidade, gerando uma empresa rentável com o monitoramento de uma equipe formada por um jornalista, um economista, uma assistente social e uma

psicóloga. Os alunos praticam o que aprenderam prestando de serviços de fotografia, vídeo, computação gráfica e publicação em web para diversos órgãos e empresas¹¹.

Com esta capacitação e criação da agência o Informar pretende promover a inclusão social através da capacitação em Tecnologias da Informação e Comunicação promovendo em conjunto as noções de organização, socialização, liderança e desenvolvimento da cidadania. É a partir da realidade local que os jovens deparam com possibilidades de interação, integração e informação que a web pode promover, porém “de forma crítica, com o olhar dos que vivem excluídos digital e socialmente, reescrevendo em multimeios o mundo em que vivem, dando relevância a fatos, acontecimentos, eventos e resultados que impactam em seu dia-a-dia e na realidade dos que estão em seu entorno.” (INFORMAR, 2005). Com isso:

É pressuposto desse processo que mesmo adolescentes e jovens com baixa escolaridade podem interagir com a informação, criticá-la, reescrevê-la e reeditá-la, desde que lhe sejam oportunizados espaço e acesso. Sendo assim, toda formação parte da visão de que podem ser protagonistas, falar por si mesmos. (INFORMAR, 2005)

É veemente a inquietação do Informar não só com o oferecimento aos jovens das ferramentas da informática, e sim ir além disso possibilitando uma compreensão melhor da realidade em que vivem, dos códigos e linguagens hegemônicos aos quais somos condicionados e obrigados a nos submeter, ao mundo referenciado em conceitos lógicos e quantitativos e aos instrumentos com os quais navegamos e produzimos melhor informação, inclusive para a web. (INFORMAR, 2005)

Há, ainda, a preocupação do projeto como a promoção e disseminação da cultura local no âmbito nacional e no exterior a fim de aumentar o conhecimento local de gerenciamento de processos e com isso aceleração do desenvolvimento de microempreendimentos.

PILAR: HISTÓRIA E COTIDIANO

A história da comunidade teve início nos meados da década de 70 do século passado quando houve o desalojamento causado pela desapropriação e demolição dos antigos casarões para ampliação do Porto do Recife. O espaço, no entanto, não foi

¹¹ Os clientes da agência são César, Porto Digital, General Motors, Porto Musical, Sectma, Conselho Britânico e Centro de Informática da UFPE. No entanto, os jovens já desenvolveram um levantamento fotográfico dos abrigos do Governo (projeto Fundac), estão elaborando o Resgate da Identidade Infantil através da fotografia (Casa Carolina) além do levantamento fotográfico de outros abrigos do Governo, este último projeto tem o apoio da Chesf.

utilizado pela Portobrás e terminou sendo interditado com um muro. A partir dessas transformações “algumas das pessoas que tinham o Bairro do Recife como referência de trabalho ou sentimento construíram seus barracos nas calçadas das quadras, usando o muro como parede de fundo.” (INFORMAR, 2005).

As ocupações pelos moradores tiveram um início conflituoso com a Guarda Portuária que destruía os barracos construídos. Com certa resistência, as demolições cessaram e as habitações tomaram o espaço. “A falta de condições financeiras para custear um aluguel e o fato de necessitarem dividir espaços minúsculos com famílias numerosas motivaram a ocupação da Comunidade.” (INFORMAR, 2005).

Segundo os dados da Empresa de Urbanização do Recife¹², “o fechamento das ruas nas laterais da Fábrica da Pilar e o grande porte das edificações nos limites da favela constituíram-se em fortes barreiras de acesso e de visibilidade da área, favorecendo o surgimento de um ambiente de insegurança e de isolamento na Comunidade” contribuindo para aumentar ainda mais as diferenças e segregações físicas e sociais.

OS JOVENS E AS APROPRIAÇÕES DO INFORMAR

Os jovens participantes do Projeto Informar se encontram com desvios de idade/série, ou seja, estão em série atrasadas em relação a sua idade. Dos oito entrevistados, com faixa etária variando entre 16 e 20 anos, apenas um se encontra no ensino médio, o restante cursa as últimas séries do Ensino Fundamental. Todos são moradores da comunidade Nossa Senhora do Pilar, no centro do Recife antigo. Sua população é de 1.052¹³ pessoas e o seu crescimento vem aumentando significativamente nos últimos anos devido ao processo de revitalização do Bairro do Recife.

A maioria dos jovens da comunidade do Pilar, na busca por uma qualificação, além da formação em informática, participaram de cursos de empreendedorismo, manicure, padeiro, segurança, atendimento, mosaico, liderança comunitária e até mesmo de construção de *home page*, todos através de órgão ou programas ligado ao Governo.

Quanto à ocupação profissional, todos se enquadram como trabalhadores das diversas áreas da agência criada pelo Informar e já passaram por todas as habilitações

¹² Informação retirada do Programa de Requalificação Urbanística e Inclusão Social. 2002, URB – Empresa de Urbanização do Recife, encontrada no site do Informar.

¹³ Informação retirada do Diagnóstico Sócio Econômico – Comunidade do Pilar, Bairro do Recife. Outubro de 2001, URB - Empresa de Urbanização do Recife, encontrada no site do Informar.

do curso. Tomaram conhecimento do curso através de panfletos entregues por agentes comunitários, professores do bairro e até mesmo indicação de familiares.

É interessante observar o que motivou os jovens a participarem do Projeto. Para uns foi a novidade da computação, ou seja, para se sentir incluído na era tecnológica e se apropriar dos conhecimentos que exigem os computadores:

“O que me motivou foi a vontade de adquirir conhecimento com informática” José Nilson.

“Vim pra aqui porque não sabia mexer muito em computador e agora aprendi” Ronaldo de Almeida.

Outros vieram a procura de um aperfeiçoamento para se engajar no mercado de trabalho:

“O que me motiva é o meu filho, pois tenho que procurar algo para tentar ingressar no mercado de trabalho e o curso foi uma forma.” Alex Batista.

A própria ocupação, o fato de estar fazendo alguma coisa ou até mesmo de participar e se sentir útil também gerou motivos:

“Vim por que não tinha nada para fazer em casa” Daniel Silvestre.

A necessidade de aprender as novas linguagens propostas (ou impostas) pela informática, a vontade de saber e de se sentir fazendo parte de um processo global que avança a cada dia foi o motivo que mais instigou os participantes, alguns com aspirações profissionais.

OS USOS *OFF LINE*

No âmbito dos serviços *off line* que o computador pode oferecer, os jovens do Informar tiveram treinamento para trabalhar com as ferramentas do windows, word, excel, power point, photoshop, flash, dreamweaver, manutenção de micro, hardware e instalação de programas. Porém, para alguns o uso destes programas fica restrito ao momento em que estão na agência, pelo fato de não terem computador em casa. Outros também fazem usos de programas de acordo com as funções que lhe são atribuídas ou com as necessidades profissionais:

“Hoje em dia sempre uso o Word e o Excel pra fazer o controle telefônico, controle do material do almoxarifado e fazer documentos para pedir material pra agência. Utilizo também o Flash par fazer home page. Fiz uma (homepage) com fotos do Recife Antigo e textos explicando as fotos” Márcia Oliveira.

“Uso Word para digitar textos em geral e o Excel para o movimento de caixa.” Ana Cláudia.

Quanto aos outros programas como Corel Draw, Flash, DreamWave, Power Point, os alunos demonstraram fazer pouco ou nenhum uso ou por falta de oportunidade, ou pela não apropriação ou domínio das linguagens por eles exigidas.

OS USOS *ON LINE*

No que tange aos usos dos serviços *on line*, observou-se que a maioria dos entrevistados acessa a internet diariamente no trabalho, outros fazem duas ou três vezes por semana, têm e-mails e participam de salas de bate-papo e de grupos de discussão informais no caso o MSN:

“Acesso a internet na agência duas vezes por semana e visito sites de busca para cotação de preços para o Informar e também para consultas escolares.” Márcia Oliveira

“Aqui na agência acesso diariamente, mas demoro pouco, uns dez minutos.” Ana Cláudia Silva.

Outros buscam os serviços *on line* também fora da agência, pagando por tempo de uso nos *cibercafés*, *lang house* e centros de acesso:

“Visito sempre o *cibercafé* da Conde da Boa Vista, vou sempre um dia sim outro não e demoro mais ou menos uma hora.” José Nilson.

“Acesso a internet de vez em quando no projeto e frequento o Expresso Internet uma vez por semana pagando três reais pra ficar uma hora. Lá é hora marcada e temos que fazer reserva com antecedência.” Maria da Conceição Nascimento.

Os sites de busca mais populares e utilizados por estes participantes do projeto são o Google e o Cadê, onde eles podem usufruir de informações sobre produtos e cotações de preços: ou temas de interesse particular:

“Frequentemente, visito o site *baboo* para buscar informações sobre equipamentos de informática, dicas, macetes e novidades sobre hardware e software.” Alex Batista.

“Uso sempre o Google e o Cadê para pesquisar sobre vídeo: peças, câmeras, fitas...” Camila Silva.

Outros buscam informações para trabalhos escolares ou para complementação dos estudos:

“Uso o Google para pesquisar sobre vestibular e sobre os assuntos que tenho mais dificuldade: química, física e biologia.” Alex Batista.

Apesar de não ter um caráter de trabalho profissional ou escolar, os jogos *on-line* são usados principalmente pelos rapazes, que mesmo proibidos na Agência, eles usufruem no seu tempo de lazer fora do ambiente de trabalho:

“Jogo na internet sempre os jogos do Mário Sonic e os de corrida de Fórmula Um.” José Nilson.

“As vezes eu jogo, meus preferidos são os de aventura.” Ronaldo de Almeida.

As salas de discussão ainda são pouco utilizadas pelos jovens entrevistados. Apenas uma delas já participou :

“Eu participava do Grupo Juvenil que tinham discussões com hora marcada. Nós tínhamos uma senha para o acesso. Dávamos nossas opiniões sobre os mais diversos temas como doenças sexualmente transmissíveis e outros. Eu parei de participar porque começaram a cobrar pelo acesso.” Maria da Conceição Nascimento.

As respostas também apontam para a preferência dos entrevistados pelo acesso às redes informais com fins de lazer e troca de informação da rotina de trabalho. A rede informal mais utilizada foi o MSN:

“No MSN eu paquero, converso e resolvo negócios sérios.” José Nilson.

“Entro no MSN para conversas, trocas de e-mail, assuntos da agência e trabalho.” Ronaldo de Almeida.

Houve quem soubesse o que significa intranet:

“É uma rede exclusiva e interna de uma empresa”. Alex Batista.

No entanto, o restante demonstrou não ter nenhum conhecimento ou até mesmo nunca ter ouvido falar em intranet e extranet. Os conhecimentos adquiridos durante os cursos promoveram mudanças no cotidiano e no setor profissional dos jovens da comunidade do Pilar. Algumas respostas levam a mudanças não só quanto ao acesso, conhecimento e domínio de ferramentas da informática, mas também quanto à sociabilização dos jovens e noção do senso de responsabilidade social:

“De primeiro eu era bagunceiro e não prestava atenção nas coisas, era tímido. Hoje falo com todo mundo, me interessei mais pelas coisas. Vivía só no meio da rua, perturbando, dando lapada nos cheira colas. Agora vivo mais em casa, faço minhas obrigações e me interessei pela agência.” Daniel Silvestre.

“Antes eu era muito ruim, ficava em casa sem fazer nada, agora venho para agência e estou me sentindo melhor aqui.” José Nilson

“Antes só queria saber de sair e de brincar na internet. Hoje me sinto responsável e realizada porque estou fazendo o que eu gosto.” Camila Silva.

As relações familiares também sofreram mudanças através do programa de capacitação, muitos deles se sentem coesos no âmbito familiar:

“Eu não sabia ouvir, não sabia me expressar e as coisas tinham de ser do meu jeito. Hoje estou mais calma, penso antes de falar, sei conversar, entro em todo canto, melhorei meu relacionamento com minha mãe.” Maria da Conceição Nascimento.

As mudanças ainda englobam as possibilidades de capacitação e perspectivas de trabalhos futuros juntamente com a construção da autoconfiança e auto-estima dos futuros profissionais:

“Agora estou podendo trabalhar e ter meu primeiro emprego como fotógrafo.” Ronaldo Batista.

“Melhorei meu currículo, me sinto preparada e capacitada.” Ana Cláudia Silva.

“Aumentou minha oportunidade pois a internet facilitou meu trabalho com vídeo. Hoje tenho potencial de arrumar emprego por causa do diploma.” Camila Silva.

Alguns consideram o projeto como ponto de partida para uma carreira profissional ou como fotógrafo, ou como funcionário de escritório, ou técnico em manutenção de informática ou instrutor:

“Hoje trabalho como fotógrafo, depois do curso do Informar.” Ronaldo Batista.

“Hoje dou aulas de informática básica como voluntária no Movimento de luta e Resistência Popular no Cabo de Santo Agostinho.” Maria da Conceição Nascimento.

“Hoje trabalho como câmera para fazer vídeo.” Camila Silva

“Conserto computadores, tiro dúvidas, dou suporte. Instalo redes, faço serviços extras como conserto, manutenção de micro. Dou aula de informática básica como voluntário e também do avançado ensinando Front Page e Corel Draw.” Alex Silva.

Mas as expectativas são muitas, o projeto foi só o ponto de partida, o impulso inicial para anseios e necessidades futuras dos jovens do Informar. Cada um pretende se aprofundar mais numa área específica, de acordo com uma afinidade ou aptidão descoberta nos cursos:

“Gostaria de aprender mais sobre eletrônica e programação. Me sinto ainda limitado e gostaria de falar inglês.” Alex Silva.

“Pretendo aprender mais sobre marketing e também a digitar mais rápido.” Márcia Santos.

“Estou me aprofundando num curso de informática avançado fora do Informar.” Camila Silva.

“Gostaria de estudar mais fotografia.” Maria da Conceição Nascimento.

“Pretendo aprender inglês no curso que estou fazendo pelo Informar.” Ana Cláudia Silva.

Inclusão digital e exclusão social apesar de serem temas discutidos nos cursos e de ser metas do projeto: promover a primeira e minimizar a segunda, as respostas nos apontam para falta de informação, ou até mesmo de conscientização dos jovens quanto a definição de cada uma. Alguns deles sabem dizer o que é, mesmo que equivocadamente, ou apenas deduzem pelo nome. Quanto a inclusão digital uns a definem apenas por analogias e deduções:

“Inclusão digital é a inclusão que inclui todas as entidades, que inclui os jovens para o mercado de trabalho. Já a exclusão social é a exclusão pessoal.” Daniel Silvestre.

“Inclusão vem de não excluir pessoas e digital vem de tecnologias. É a oportunidade na área de tecnologia para as pessoas que não têm condição e exclusão digital é excluir essas pessoas.” Ana Cláudia Silva.

“Inclusão digital é você incluir a pessoa na digitalização, tentando abrir a cabeça, as portas, para aqueles que não querem nada com o projeto. Já a exclusão social é excluir uma pessoa da sociedade só porque não sabe computação.” Camila Silva.

Há ainda aqueles que nunca ouviram falar ou que não arriscam nem dizer o que pensam que seja.

“Nunca ouvi falar em inclusão digital, mas para mim exclusão social é maloqueiro de rua, ladrão, cheira cola...” Maria da Conceição Nascimento.

“Como assim inclusão social?... Exclusão social é quando os colegas excluem você. Antes (do projeto) mesmo a gente ficava fora de tudo.” José Nilson.

É nítida a definição a partir das realidades e dos contextos culturais nos quais os jovens estão inseridos. Alguns buscam associar os termos a situações vividas por eles como a questão do digital associado à tecnologia e da exclusão com o racismo:

“Inclusão digital é o jovem que não tinha acesso e agora tem acesso a tecnologia e como exclusão social eu entendo que seja o racismo. Ou você pode se excluir quando não se adequa a sociedade, por exemplo, tem muita gente que usava droga e não é mais, estava fora e não está mais, está se chegando à sociedade.” Alex Batista.

Podemos perceber que em muitas respostas a inclusão digital e exclusão social estão de certa forma ligadas à participação ou não no projeto Informar. Quando não,

estão restritas ao mundo do trabalho ou a situações associadas ao cotidiano em que vivem os jovens. Para eles estar participando do projeto e estar engajado na agência, pertencer a um grupo e ser respeitado como profissional é estar incluído de alguma forma no contexto social:

“Me sinto incluída socialmente por causa do projeto e porque as pessoas me olham de outra maneira: me respeitando, me vendo como uma pessoa e não uma favelada, que tenho a capacidade como qualquer um, só que agora é que houve a oportunidade.”
Márcia Santos.

Mas houve quem se achasse como excluído e demonstrou ter um visão mais ampla do que envolve a problemática da exclusão social e digital, visto que há uma percepção de que no contexto do mercado de trabalho contemporâneo as atualizações e conhecimentos devem estar em plena vigência:

“Me acho excluído ainda, pois não basta ter um cursinho, porque outro pode ter um curso de informática e outro ter um curso superior, então se eu for concorrer com ele não tenho chance.” Alex Batista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A julgar pelas evidências empíricas obtidas através das entrevistas aos jovens do projeto Informar, percebe-se que muitas coisas mudaram no âmbito profissional, das convivências sociais e dos usos da informática e da internet depois do projeto. As mudanças são notáveis no que tange à profissionalização, à convivência em grupo, à busca de conhecimentos e apropriações da informática, da fotografia e do vídeo. Nesse sentido, podemos dizer que o Projeto Informar é uma iniciativa, um ponto de partida, uma movimentação que está contribuindo para a inclusão social através da inclusão digital.

Está patente que os jovens da comunidade do Pilar se apropriam do uso inteligente da internet e da tecnologia digital, extrapolando a utilização das ferramentas para o uso pessoal como consultas escolares, trocas de e-mails e relações sociais via bate-papo. Sendo um projeto mais amplo, o Informar também promove através das novas tecnologias como o vídeo e a fotografia digital formas de percepção e produção de sentidos, os quais levam à melhoria da auto-estima e de suas relações com a comunidade e a família. A própria noção de responsabilidade social e compromisso com o grupo também é evidente, reconstruindo o cotidiano dos jovens do Pilar.

Entretanto, mesmo havendo avanços significativos, ainda é cedo para afirmar definitivamente que a inclusão social desses jovens é um projeto concluído, pois trata-se

de processo social de conquista permanente, que assim como acontece nos processos de participação social e política: é um caminho longo e lento no qual haverá sempre alguns desafios a enfrentar, alguma coisa a construir.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, Adilson. Contrapontos e perspectivas de uma internet para todos. In PERUZZO, Cicília Krohling. *Vozes Cidadãs*. São Paulo: Angella Editora, 2004.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- INFORMAR. Disponível em: <www.informar.org.br>. Acesso em: 05 de outubro de 2005.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção*. In Revista Brasileira de Comunicação, Vol. XVI, nº 2, São Paulo: Intercom., 1993.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- OROZCO-GOMEZ, Guillermo. *La investigación em comunicacion desde la perspective cualitativa*. La Plata: Universidad Nacional/INDEC, 1997.
- PAULINO, Roseli A. Fígaro. *Comunicação e trabalho: estudo de recepção*. São Paulo: A. Garibalde, 2001.
- RONSINI, Veneza Mayora. *Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *Exclusão digital: a miséria na era da informação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- TAUK SANTOS, Maria Salett; NASCIMENTO, Marta Rocha. Desvendando o mapa noturno: análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção. In: *Novos olhares*. Ano II, nº 5. São Paulo: USP, 2000.
- TAUK SANTOS, Maria Salett; DIAS, Conceição. *Desafios cooperativos e estratégias de comunicação das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares*. V Seminário Internacional da Unircoop. Rio de Janeiro, outubro, 2005.